

A man in a green mesh vest is aiming a rifle. The background is slightly blurred, showing other people and foliage. The text is overlaid on the lower half of the image.

cinemateca outubro 2025

NA COMPANHIA DE WILLIAM GREAVES

a Cinemateca com o Doclisboa

William Greaves é uma peça em falta no grande *puzzle* da História. Para os interessados no cinema ficcional, Greaves é um dos rostos – e uma das vozes (já lá vamos) – do mais urgente cinema realista com preocupações sociais e políticas, ou dos chamados "race films", obras particularmente vigilantes da situação das comunidades afro-americanas a viverem nos Estados Unidos da América. Para ativistas e politólogos, Greaves é "o homem atrás da câmara" nalguns dos grandes momentos que nos ajudam a contar a História da luta pelos direitos civis na América ou como formador e "pedagogo" através da realização de programas televisivos e documentários cinematográficos que enaltecem o papel de homens e mulheres negras na História do seu país. Para quem aprecia cinema de estilo documental, pode ser visto como o elo em falta ligando a escola anglófona do Canadá, representada pelos cineastas que compuseram a célebre Unidade B do National Film Board, ao *direct cinema* norte-americano de Robert Drew, dos Irmãos Maysles e de D. A. Pennebaker. Para sociólogos e psicólogos sociais, Greaves é o cineasta com bata de "cientista social", velando pela pessoa comum face aos "males sociais" que a afligem (tais como o acesso a cuidados de saúde, a pobreza, o alcoolismo ou a saúde mental), e muito decisivamente transformando o mundo em redor num laboratório ou num recreio paracientífico onde se aplicam os modelos de terapia grupal difundidos por Jacob Levy Moreno. Para quem acompanha com especial devoção a História do cinema experimental nas suas várias declinações, Greaves promove a articulação singularíssima entre a experimentação metafílmica, a

performance e a arte mais formalista que tem o cinema como um suporte e como uma linguagem nada atreitos à "estandardização". Trata-se, por tudo isto, de um cineasta insubordinado que, por várias vezes, disse "não" às soluções e aos caminhos mais óbvios que lhe foram sendo sugeridos ou prescritos. Desafiador de convenções e um trabalhador incansável, Greaves apresenta-se hoje como nome omisso nos manuais da História do cinema. Os mais atentos que tiveram a oportunidade de o conhecer ou ver os seus filmes não se poupam nos encómios e na estupefação relativamente a essa presença demasiado discreta na História e no cânone instituído: "revolucionário" (Richard Brody), "decano dos cineastas independentes" (Donald Bogle), entre os mais notáveis cineastas experimentais, "ao lado de Jean-Luc Godard, John Cassavetes e Andy Warhol" (Armond White), várias são as "figuras de espanto" que acompanham a descoberta desta obra. É tempo de voltarmos a ela, na esperança de, com o cinema, e na companhia de Greaves, conseguirmos repensar um mundo que nos envolve e que, tantas vezes, nos cerca e agride.

Este nova-iorquino de gema iniciou a sua carreira na representação, chegando à Broadway, tornando-se um dos primeiros membros do Actors Studio, bem como dando formação em *workshops* de "Method acting" no Canadá e Estados Unidos, e como um apaixonado pela música, cantando e compondo. Um multitalentoso "Blues Boy" (nome da personagem que interpreta na peça *Garden of Time*, encenada pelo American Negro Theatre em 1945) que por causa da sua presença nos palcos e no grande ecrã foi ganhando nome na praça e até alguma popularidade junto do público. Não obstante, cedo percebeu que, para ter uma voz própria e atuante, sendo um artista negro a viver nos Estados Unidos da América,

tinha de controlar minimamente os meios de produção, seja enquanto realizador, seja enquanto produtor. Contou: “[a]pesar de me dizerem que era uma ideia ridícula um homem negro prosseguir uma carreira como realizador e produtor de filmes, estava bastante confiante de que iria ter sucesso” (citado em *Reel Black Talk: A Sourcebook of 50 American Filmmakers*, da autoria de Spencer Moon).

No início dos idos anos 50, fora de portas e mais concretamente no Canadá, começou a sua carreira como montador e realizador num sistema de produção dedicado ao documentário fundado por John Grierson, colaborando com nomes maiores do *cinema direto* desse país e figuras de proa da Unidade B do National Film Board, tais como Terence Macartney-Filgate e Stanley Jackson. O filme com que aí afirmou a sua voz autónoma foi *EMERGENCY WARD* (1959), obra rodada integralmente nas urgências do General Hospital em Montreal. Projetou-se, a partir deste intenso filme, e já regressado aos Estados Unidos desde o ano de 1960, no âmbito de um cinema de estilo documental que nunca deixou de experimentar criticamente com o artifício da encenação e do *role play*.

Foi um destemido cineasta de vários talentos e de várias missões, ainda que especialmente sensível à situação da comunidade afro-americana. Via-se como um divulgador e um formador, investido na promoção de exemplos de resistência e na identificação das origens do racismo e da discriminação, sem nunca esquecer as suas próprias raízes, mas, sob influência do Pan-africanismo, também procurou dimensionar essa experiência pessoal a um nível global, a partir do Harlem da sua infância para o mundo inteiro. Foi um olhar vigilante e crítico das manifestações mais silenciosas de discriminação tanto na vida social e cultural como no próprio local

de trabalho. Neste particular, veja-se ou descubra-se finalmente uma obra tão poderosa como *IN THE COMPANY OF MEN* (1969), em que o racismo no local de trabalho é objeto de um “jogo psicodramático” que coloca negros e brancos frente-a-frente, expondo as suas razões e resolvendo as suas “diferenças”.

Ao mesmo tempo, foi um cineasta de pendor experimental, como se atesta no filme de culto *SYMBIOPSYCHOTAXIPLASM: TAKE ONE* (1971) (conhecido de modo mais abreviado como “Symbio: Take One”), ovni cinematográfico (re)descoberto tardiamente e que influenciou de maneira quase secreta importantes realizadores do cinema independente norte-americano, a começar por Steven Soderbergh, que foi um dos produtores executivos da sequência *SYMBIOPSYCHOTAXIPLASM: TAKE 2 1/2* (2005), a derradeira obra de Greaves. Mas este também foi um homem de causas e de uma interminável energia, possuidor de uma capacidade notável para se adaptar a diferentes realidades, *media* ou modos de expressão. Foi o primeiro rosto negro a apresentar e a produzir o *magazine* televisivo *Black Journal*, inicialmente concebido por brancos, e assinou vários documentários pedagógicos sobre alguns dos heróis maiores da História negra, tais como Frederick Douglass, Ida B. Wells e Ralph Bunche.

Documentou ainda, de maneira direta e engajada, quer dizer, bem presente, alguns dos acontecimentos de massas que mais agitaram o panorama social e político. Entre eles, destaca-se a Convenção Política Afro-americana realizada em Gary, Indiana, em 1972, durante a qual ficou para a eternidade o discurso de Jesse Jackson, em boa hora captado pela câmara de Greaves, numa obra que gozou da assistência do seu filho, David, e que foi realizada num período em que já era particularmente relevante

a colaboração com a sua dedicada mulher e produtora, Louise Archambault Greaves (1932-2023), com quem fundou em 1963 a William Greaves Productions. Clamava, então, Jesse Jackson *on camera*: "Sou um homem negro e quero um partido negro." Antes disso, havia disparado: "Para os democratas negros, republicanos negros, Panteras Negras, muçulmanos negros, independentes negros, empresários negros, profissionais negros, mães negras que vivem do apoio social – que horas são?" "Hora da Nação! (*Nationtime!*)", gritaram de volta, em jeito de resposta, as pessoas presentes no auditório (foram cerca de 10 000 ao todo a frequentar a Convenção). Sim, é hora de vermos *NATIONTIME* (1972) e de o vermos na versão restaurada que foi supervisionada por Louise Greaves em 2018, então na qualidade de principal guardião do legado do seu marido.

O Ciclo que se organiza em colaboração com o Doclisboa, neste mês de outubro, serve de amostra exaustiva desta obra extensa mas pouco vista, dando conta da complexidade e variedade de propostas contidas no cinema de um homem renascentista que, para parafrasear o título do livro *William Greaves: Filmmaking as Mission*, obra editada por Scott MacDonald (co-programador deste Ciclo) e Jacqueline Najuma Stewart, encarava a realização como uma missão de vida e o cinema como modo de questionamento da sociedade.

Com exceção de *IN THE COMPANY OF MEN*, mostrado na sessão de antevisão desta edição do Doclisboa, no passado mês de julho, nenhum filme de Greaves teve, até agora, passagem nas salas da Cinemateca.

Luís Mendonça



- ▶ **Sexta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
- ▶ **Terça-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

SYMBIOPSYCHOTAXIPLASM: TAKE ONE

de William Greaves

Estados Unidos, 1971 – 75 min

legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 17

COM APRESENTAÇÃO DE DAVID GREAVES

Com raízes no New American Cinema, em que referências como Andy Warhol, Michael Snow ou Shirley Clarke são mais ou menos evidentes, Greaves "atira-se" numa experiência de filme-dentro-do-filme aberta aos contínuos assaltos da vida em redor. O cenário é o Central Park e a obra que é aí filmada, sob a direção (propositadamente) hesitante e questionadora de Greaves, lida com a incomunicabilidade no seio de um casal (interpretado por vários atores, entre eles, Louise Greaves *herself*) em desagregação afetiva e sexual. Rodado em 1968, demorou demasiado tempo a ser verdadeiramente descoberto (a sua passagem em França, com o intuito de integrar a competição do Festival de Cannes, ficou marcada, alega-se, por uma projeção da obra com as bobinas trocadas), mas quando em 1991 passou no Seminário Flaherty reações como esta de J. Hoberman, em 1992, para a revista *Premiere*, tornaram-se recorrentes: "um filme que entra na nossa História tão decisivamente que parece ter estado sempre lá". Por exemplo, reportando-se à equipa de produção (incluindo o filho David e a sua mulher, Louise), interrogou-se o crítico da *The New Yorker*, Richard Brody, em 2015: "E se eles protagonizaram uma revolução que ninguém viu?"

- ▶ **Sexta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- ▶ **Quarta-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina**

NAÇÃO NEGRA: DOCUMENTÁRIOS COM DAVID GREAVES

JUST DOIN' IT: A TALE OF TWO BARBERSHOPS

Estados Unidos, 1976 – 28 min

legendado eletronicamente em português

NATIONTIME

Filmes de William Greaves

Estados Unidos, 1972 – 79 min

legendado eletronicamente em português

duração total da sessão de dia 17 – 107 min | M/12

SESSÃO DE DIA 17

COM APRESENTAÇÃO DE DAVID GREAVES

Filmado em modo direto, "câmara ao ombro" e sem *script*, à laia de uns irmãos Maysles, JUST DOIN' IT: A TALE OF TWO BARBERSHOPS é um retrato sobre a América colhido diretamente do dia-a-dia de duas barbearias frequentadas maioritariamente por negros, ambas situadas em Atlanta, Georgia. Uma reflexão espontânea ganha forma entre barbeiros e clientes. Uma obra coral com a energia, o sentido de humor e a inteligência de uma ficção de Spike Lee. "Eu diria que JUST DOIN' IT é uma dura acusação contra a América, uma acusação contra a civilização moderna; é um apelo a um nível mais elevado de consciência e sensibilidade", explicou o próprio Greaves numa entrevista conduzida por Sonja Bahn-Coblans e Arno Heller. NATIONTIME é um dos pontos mais altos da filmografia de William Greaves. Este documentário de elevado valor histórico, com narração de Sidney Poitier e Harry Belafonte, envia-nos diretamente para o coração da convenção política que teve lugar

em Gary, Indiana, entre 10 e 12 de março de 1972. O propósito era o de unir a nação afro-americana e desencadear a sua autodeterminação cívica e política. O discurso mais icónico que lançou toda uma carreira política pertenceu a Jesse Jackson, mas também se perfilaram no palanque figuras tão importantes quanto a do ator e ativista Dick Gregory ou a de Betty Shabazz, a viúva de Malcolm X (voltaremos a vê-la, através da objetiva de Greaves, no episódio 9 do seu *magazine* cultural BLACK JOURNAL). Ambos os filmes contaram com a colaboração de David Greaves, filho do realizador, tanto na direção de fotografia como na montagem. Devido à qualidade precária do suporte de exibição e aproveitando a presença de David Greaves, JUST DOIN' IT, só passará uma vez na sessão do dia 17 de outubro.



SYMBIOPSYCHOTAXIPLASM: TAKE ONE

► **Sábado [18] 16h00 | Sala Luís de Pina**

MESA-REDONDA

**WILLIAM GREAVES:
O COMPROMISSO DE SER LIVRE**

Face aos filmes altamente experimentais e/ou politicamente engajados do cineasta multitalentoso William Greaves, encaram-se questões várias tais como a relação entre arte e política, a oposição entre a experimentação formal e o tratamento da atualidade, o embate entre a "tentação" ensaística e experimental e os limites éticos da prática documental ou, inclusive, entre o documentário pedagógico e informativo e a *performance* psicodramática ou "do método". A obra de William Greaves é objeto de uma mesa-redonda que contará com a presença dos convidados David Greaves e Liani Greaves, respetivamente, filho e neta de William Greaves bem como presidente e vice-presidente da William Greaves Productions; de Christopher Allen, cofundador do UnionDocs – Center for Documentary Art. A moderação ficará a cargo de Cecilia Barrionuevo, do Doclisboa, e de Luís Mendonça, na qualidade de co-programador do Ciclo por parte da Cinemateca Portuguesa. A conversa decorrerá em inglês sem tradução simultânea. Entrada livre mediante levantamento de bilhete 60 minutos antes do início da mesa-redonda.

► **Sábado [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Terça-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina**

PROGRAMA "PODER E LIDERANÇA I"

SPACE FOR WOMEN

Estados Unidos, 1981 – 32 min

BLACK POWER IN AMERICA: MYTH... OR REALITY?

Estados Unidos, 1986 – 33 min

Filmes de William Greaves

legendados eletronicamente em português
duração total da projeção - 65 min | M/12

SPACE FOR WOMEN informa e instrui sobre o papel de várias mulheres nos programas espaciais da NASA enquanto engenheiras, analistas de imagens, especialistas de segurança e astronautas. Colige testemunhos de mulheres à conquista do espaço, concentrando-se nos seus percursos de vida, desafios e dificuldades que enfrentaram social e profissionalmente, mas também exaltando o contributo de cada uma delas para a História. BLACK POWER IN AMERICA: MYTH... OR REALITY? conta uma história de conquistas por parte do Movimento dos Direitos Civis através de vários casos de liderança negra em diferentes sectores da sociedade americana, tais como os de Jesse Jackson, Flo Kennedy e Barbara Skinner.

► **Sábado [18] 19h30 | Sala Luís de Pina**

► **Sexta-feira [24] 17h30 | Sala Luís de Pina**

MIRACLE IN HARLEM

de Jack Kemp

com Hilda Offley, Sheila Guyse,

Kenneth Freeman, William Greaves,

Stepin Fetchit

Estados Unidos, 1948 – 69 min

legendado eletronicamente em português | M/12

William Greaves desempenha um papel pequeno mas significativo neste drama familiar com elementos de *thriller*, pontuado por números musicais e situações cómicas. Intriga rebuscada em torno de uma família que dirige uma loja de doces no Harlem, MIRACLE IN HARLEM é conhecido não só pela música mas também pelo *show* burlesco de Stepin Fetchit, um dos atores negros mais famosos do seu tempo e hoje muito contestado por ter, inadvertidamente ou não, ajudado a perpetuar estereótipos racistas no grande ecrã relacionados com a comunidade afro-americana. No entanto, o próprio Greaves gostava de o defender, afirmando no seu documentário THAT'S BLACK ENTERTAINMENT: "Stepin foi muito criticado pelos seus papéis estereotipados em filmes predominantemente brancos. (...) Vê-lo interpretar o seu estilo cómico num filme com personagens negras, como acontece aqui, em MIRACLE IN HARLEM, permite-nos vê-lo como um ótimo comediante".

- ▶ **Sábado [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- ▶ **Sábado [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

PROGRAMA "PODER E LIDERANÇA II"

STILL A BROTHER: INSIDE THE NEGRO MIDDLE CLASS

de William Greaves

Estados Unidos, 1968 – 90 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Documentário algo provocador que revela como a integração de negros "de sucesso" na classe média ou média-alta norte-americana acarreta riscos e tantas vezes implica uma desformatação cultural que faz equiparar negros a brancos à luz da sua própria consciência. Alguns destes homens e mulheres confidenciam à câmara de Greaves não se sentirem nem brancos, nem negros. Ao mesmo tempo, este desassombrado retrato da comunidade negra abastada também mostra como alguns "brothers and sisters" se deixam obnubilar ideologicamente pela sua (deveras) falsa integração social. "Uma preocupação ponderada e séria com

um elemento da comunidade negra que até agora não tinha sido devidamente estudado", escreveu Jack Gould para o *The New York Times* à época da estreia do filme.

- ▶ **Segunda-feira [20] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- ▶ **Sexta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

PROGRAMA "OLHAR CANADIANO I"

PUTTING IT STRAIGHT

Canadá, 1957 – 14 min

SMOKE AND WEATHER

Canadá, 1958 – 21 min

EMERGENCY WARD

Canadá, 1959 – 29 min

Filmes de William Greaves

legendados eletronicamente em português

duração total da projeção – 64 min | M/12

Divertido e colorido filme didático com instruções sobre como manter uma vida sadia em termos de

saúde dentária, PUTTING IT STRAIGHT marca o início da carreira de William Greaves como realizador em nome próprio, após ter trabalhado sobretudo como montador para cineastas importantes do National Film Board do Canadá, tais como Stanley Jackson e Terence Macartney-Filgate. O tema dos "dentes tortos" e a proposta, dentro do modelo clássico, tributável a John Grierson, do filme de "problema e solução" com recurso à encenação parecem ironizar com a proposta de um cinema político que também quer endireitar aquilo que está torto na sociedade. SMOKE AND WEATHER funciona outrossim como metáfora para um cinema em afirmação por versar sobre vigilantes florestais: uma escola da atenção, sensível a cada sinal de fogo. Observando atentamente a realidade das urgências do principal hospital de Montreal, a câmara de Greaves ganha nervo e adentra no território de um documentarismo já completamente moderno, com EMERGENCY WARD, curta-metragem de estilo "direto" feita para a *Documentary 60*, série correlata da célebre *Candid Eye*.



- ▶ Segunda-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [25] 17h00 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA "OLHAR CANADIANO II"

PROFILE OF A PROBLEM DRINKER

de Stanley Jackson

Canadá, 1957 – 29 min

BLOOD AND FIRE

de Terence Macartney-Filgate

Canadá, 1958 – 29 min

STIGMA

de Stanley Jackson

Canadá, 1958 – 19 min

legendados eletronicamente em português
duração total da projeção – 77 min | M/12

Stanley Jackson foi um dos realizadores da famosa Unidade B do National Film Board, onde William Greaves trabalhou inicialmente na qualidade de montador. Típico documentário de problema-solução, com atores e situações encenadas, PROFILE OF A PROBLEM DRINKER ataca o problema do alcoolismo de uma maneira franca e direta. A história algo floral de um "boy meets girl" é transformada numa sucessão de agruras devido ao vício do álcool. As causas profundas do alcoolismo e do seu impacto na vida familiar são inspecionadas neste filme de alto teor psicológico em que o dispositivo da ficção está, de maneira clara, ao serviço de uma mensagem. BLOOD AND FIRE é um dos momentos altos da célebre série *Candid Eye*. Na realização está Macartney-Filgate, um dos mais influentes cineastas da dita Unidade B, que dois anos depois estaria na linha da frente da revolução do *direct cinema* americano, como um

dos operadores de câmara e montadores de Robert Drew em PRIMARY, e que se tornaria operador de câmara (e ator) em SYMBIOPSYCHOTAXIPLASM: TAKE ONE. Trata-se de um pungente retrato da atividade e dia-a-dia de homens e mulheres que se dedicam à missão do Salvation Army, um movimento social com uma componente religiosa e social. STIGMA retoma o modelo de PROFILE OF A PROBLEM DRINKER para atacar o problema da saúde mental: uma mulher sofrendo de um esgotamento é internada e depois enviada para casa. O modo como a sociedade acolhe pessoas com distúrbios mentais é o principal foco deste documentário de Jackson, um autor que se especializara nesse tema considerado à época algo "exótico", até porque antes realizara dois filmes dedicados explicitamente à "Mental Health".



- ▶ Segunda-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA "RETRATOS HISTÓRICOS I"

FREDERICK DOUGLASS: AN AMERICAN LIFE

Estados Unidos, 1985 – 33 min

IDA B. WELLS: A PASSION FOR JUSTICE

Estados Unidos, 1989 – 55 min

Filmes de William Greaves

legendados eletronicamente em português
duração total da projeção – 88 min | M/12

Dois documentários realizados por Greaves com uma intenção pedagógica clara, financiados pelo National Park Service e estreados no canal público norte-americano, PBS. Um e outro facilmente se entrelaçam. As razões são históricas: o estadista



Frederick Douglass privou com a jornalista e educadora Ida B. Wells, nomeadamente patrocinando a sua campanha anti-linchamentos. Ambos foram eminentes intelectuais e abolicionistas afro-americanos do século XIX e tiveram de superar o estigma do tom da pele para fazerem ouvir a sua voz e dar expressão à experiência negra nos Estados Unidos. Estes *docudramas* revelam algumas das facetas da práxis *greavesiana*, inicialmente testadas durante o *período canadiano*, misturando informação factual e histórica com momentos assumidamente ficcionados. Uma atriz encarna Ida B. Wells e lê os seus artigos e manifestos antirracistas, ao passo que a vida de Douglass é recriada, nos seus episódios mais relevantes, recorrendo aos tropos da ficção tradicional (atores, cenários, diálogos). Mesmo no documentário de natureza mais institucional, o realizador-ator Greaves emprega as ferramentas da ficção e *performatiza* o texto histórico de maneira inventiva.

► **Terça-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina**

LOST BOUNDARIES

de Alfred L. Werker

com Mel Ferrer, Beatrice Pearson, Richard Hylton, William Greaves

Estados Unidos, 1949 – 99 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos mais relevantes "problem pictures" do seu tempo, *LOST BOUNDARIES* é um momento alto na filmografia do quase desconhecido Alfred L. Werker, um especialista em filmes série B que venceu o



Prémio Especial do Júri no Festival de Locarno pelo seu *noir* de estilo semidocumental *HE WALKED BY NIGHT*. Com *LOST BOUNDARIES*, agraciado com Prémio de Melhor Argumento no Festival de Cannes, Werker realizou um drama familiar intenso com a questão racial no centro da ação e um William Greaves em papel secundário relevante. Mel Ferrer interpreta um médico bem sucedido e "pai de família" que enfrenta a discriminação da comunidade, em New Hampshire, que outrora o acolhera de braços abertos, mas que se torna hostil após tomar conhecimento das suas "raízes negras". "A exposição da angústia e das ironias do tabu racial é clara, eloquente e comovente", sentenciou à época Bosley Crowther, crítico do *The New York Times*.

► **Terça-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

SYMBIOPSYCHOTAXIPLASM: TAKE 2 ½

de William Greaves

Estados Unidos, 2005 – 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Décadas escondido e reprimido pelo próprio Greaves como um falhanço, uma obra que ninguém compreendeu, *SYMBIOPSYCHOTAXIPLASM: TAKE ONE* verdadeiramente nasce e é acolhida como uma obra maior do cinema experimental e de estilo documental norte-americano a partir do começo dos anos 90. Entre quem abraçou a obra de Greaves estiveram nomes maiores do cinema americano: críticos, investigadores, atores e realizadores. O crítico Richard Brody narra a experiência da descoberta do filme numa sessão com introdução do ator Steve

Buscemi. Buscemi é a figura de proa do cinema independente dos *nineties* americanos, Steven Soderbergh, realizador de *SEX, LIES AND VIDEOTAPES* e do bem "simbio-psicotaxiplásmico" *SCHIZOPOLIS*, tornar-se-iam produtores executivos desta secura, que, acima de tudo, é uma homenagem ao gesto inaugural, fazendo com que alguns dos "implicados" regressem ao "local do crime" e voltem a perseguir e a esmiuçar os seus intentos originais.

► **Quarta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Segunda-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina**

SOULS OF SIN

de Powell Lindsay

com Jimmy Wright, William Greaves,
Savannah Churchill

Estados Unidos, 1949 – 64 min / legendado
eletronicamente em português | M/12

Os sinais da paixão de Greaves pela música estão por todo o lado, a começar nos créditos de abertura, onde dois temas lhe são atribuídos: *Disappointment Blues* e *Lonesome Blues*. Greaves interpreta um cantor de blues chamado Isaiah "Alabama" Lee cujo companheiro de quarto Bill é um fura-vidas que faz do jogo de sorte e azar um modo de vida, mas que, depois de sofrer uma humilhação pública por ser pobre, decide enveredar pelo mundo do crime. O filme, com elenco exclusivamente composto por atores negros, apresenta uma forte componente política e social para a sua época, revelando as dificuldades que o protagonista enfrenta para sequer começar a endireitar a sua vida (ser-lhe-á possível tal desiderato?). Powell Lindsay,



nome maior do realismo negro no cinema, assina este que é considerado por alguma crítica o último dos "filmes raciais" ("race films").

► **Quarta-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

PROGRAMA "RETRATOS HISTÓRICOS II"

RALPH BUNCHE: AN AMERICAN ODYSSEY

de William Greaves

Estados Unidos, 2001 – 117 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Narrado por nada mais, nada menos do que Sidney Poitier, este é um retrato em profundidade da personalidade política de Ralph Johnson Bunche, um estadista e cientista político que foi o primeiro homem negro a ganhar o Prémio Nobel da Paz em 1950. Rico em imagens de arquivo e testemunhos, este documentário, estreado no Festival de Sundance, mostra como a carreira de um homem permitiu o fomento da paz e a conquista de direitos por parte dos mais fracos e oprimidos, desde logo, em África e no Médio Oriente. Numa entrevista concedida a Jacqueline Di Ciara em 2004, Greaves recordou a determinante



ação de Bunche para a aprovação pela Assembleia Geral das Nações Unidas da Declaração Universal dos Direitos do Homem, cujo comité redatorial foi liderado por Eleanor Roosevelt. Foi o último projeto de monta produzido por Louise e William Greaves.

► **Quinta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Sexta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

PROGRAMA "AS RAÍZES DA ARTE NEGRA"

WEALTH OF A NATION

Estados Unidos, 1966 – 21 min

THE FIRST WORLD FESTIVAL OF NEGRO ARTS

Estados Unidos, 1966 – 40 min

FROM THESE ROOTS

Estados Unidos, 1974 – 30 min

Filmes de William Greaves

legendados eletronicamente em português
duração total da projeção – 91 min | M/12

SESSÃO DE DIA 23 COM APRESENTAÇÃO
DE LIANI GREAVES E DAVID GREAVES

No princípio, era a liberdade para respirar, para

criar e para transformar. WEALTH OF A NATION, curta-metragem produzida para o Motion Picture and Television Service, abre o quadro, vai até à origem das origens e compila exercícios de liberdade, destacando-se a música jazz de Bill Dixon e a retórica de Martin Luther King. Jr. A voz grave e carismática de Greaves serve de guia à reflexão de natureza cósmica, harmonizando a humanidade no seu conjunto, bem como formas de arte e culturas espalhadas ao longo do território norte-americano. Viajamos, depois, até África, à raiz da humanidade, em THE FIRST WORLD FESTIVAL OF NEGRO ARTS, uma encomenda do United States Information Service. Artistas e pensadores reuniram-se em Dakar, Senegal, no ano de 1966, sob o signo do pan-africanismo e do movimento da Negritude. "Foi a primeira oportunidade que tive de fazer filmes que expressassem uma perspetiva negra sobre a realidade. Até então não tinha tido acesso a financiamento que o permitisse", explicou William



Greaves em entrevista. FROM THESE ROOTS documenta um período vibrante no Harlem, nos anos 20, conhecido como "O Renascimento do Harlem". Conta David Greaves, que assistiu o seu pai na produção do filme, que este projeto foi como "retirar a ordem do caos", já que as imagens de arquivo eram escassas, tendo o seu pai decidido construir a narrativa fílmica baseado em fotografias.

► **Quinta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina**

► **Quinta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina**

PROGRAMA "JOGOS PSICODRAMÁTICOS"

IN THE COMPANY OF MEN

Estados Unidos, 1969 – 52 min

THE DEEP NORTH

Estados Unidos, 1988 – 58 min

Filmes de William Greaves

legendados eletronicamente em português
duração total da projeção – 110 min | M/12

Após inspecionar as contradições da classe média e média-alta afro-americana em STILL A BROTHER: INSIDE THE NEGRO MIDDLE CLASS, William Greaves apontou a sua câmara para a realidade laboral norte-americana, em particular, para o modo como os trabalhadores de tez "não branca" eram sujeitos a discriminação sistemática nas ações e na própria linguagem usada pelos supervisores e patrões. IN THE COMPANY OF MEN nasceu de uma encomenda feita pela revista Newsweek e acompanha, de maneira muito livre, ao jeito da "escrita

cinematográfica" de Frederick Wiseman ou dos irmãos Maysles, uma série de sessões de terapia de grupo lideradas por Walter Klavun. Klavun era um experiente psicodramatista, sob influência de Jacob Levy Moreno, que recorria a dramatizações para sarar feridas no local de trabalho. THE DEEP NORTH retoma semelhantes pressupostos metodológicos, reunindo na mesma sala cidadãos brancos e negros para debater e escapelizar a existência (ou não) de duas sociedades no coração da cidade natal de Greaves, Nova Iorque: uma branca e outra negra. Feito para a CBS com o apoio da Anti-Defamation League, o filme-experiência, com características de reportagem jornalística, divide-se entre dois grupos (um deles conduzido por Zerka Moreno, mulher de J. L. Moreno) que simulam situações mais ou menos traumáticas de discriminação racial.

► **Quinta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Sexta-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina**

PROGRAMA "O MAGAZINE BLACK JOURNAL"

BLACK JOURNAL: EPISODE 9

Estados Unidos, 1969 – 58 min

BLACK JOURNAL: EPISODE 18

Estados Unidos, 1969 – 59 min

Episódios produzidos por William Greaves

legendados eletronicamente em português
duração total da projeção – 110 min | M/12

Magazine estreado em junho de 1968 na National Educational Television, BLACK JOURNAL entrou com o pé esquerdo, por se apresentar como um

programa para o público afro-americano mas dirigido por brancos. Só começou a exercer um impacto decisivo na opinião pública, em particular nos espectadores afro-americanos, a partir do momento em que, ao quarto episódio, William Greaves, já a trabalhar como produtor assistente no programa, foi convidado a apresentar e produzir cada episódio. Fê-lo brilhantemente de 1968 a 1970, em mais de 30 episódios que versaram sobre assuntos tão importantes como o soldado negro ao serviço no Vietname, os movimentos de libertação em Moçambique, os Black Panthers, e entrevistando nomes maiores do meio político e artístico afro-americano. O programa, que valeu a Greaves um Emmy atribuído pela excelência da sua programação de interesse público, aparece representado nesta sessão nos seus episódios 9 e 18: o primeiro, entre outros assuntos, inclui um documentário sobre a influência de Malcolm X aquando do quarto aniversário da sua morte, com participação de Betty Shabazz, a viúva do líder barbaramente assassinado; o segundo, entre outros tópicos, aborda a atividade da Malcolm X University in Durham, na Carolina do Norte (que operaria apenas durante três anos), mas sobretudo dedica um segmento inteiro ao atleta negro, com ênfase para um episódio ocorrido na Universidade de Wyoming, em que 14 jogadores de futebol americano foram suspensos após intentarem um protesto contra as visões religiosas e raciais da equipa rival, a Brigham Young University. "Através da sua tutela, BLACK JOURNAL tornou-se numa nova manifestação de visões globais e sonhos do povo afro-americano", escreveu Celeste Day Moore num ensaio publicado no livro *William Greaves: Filmmaking as Mission*.



Programa sujeito a alterações

Preço dos bilhetes - 3,20 €

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 €

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 €

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: 14h30-15h30 e das 17h30-22h00 | Sábados 14h00-21h30

Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Biblioteca

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h00 - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h00 - 22h00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12h00 - 01h00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Venda de bilhetes

Bilheteira Local (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

Modos de pagamento disponíveis:

Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 €

(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

Pontos de venda aderentes

(consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO



cinemateca
portuguesa
MUSEU DO CINEMA, IP

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

cinemateca

outubro 2025

NA COMPANHIA DE WILLIAM GREAVES

a Cinemateca com o Doclisboa

